



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

ANDRESON SOUZA NOVAIS

**PERESTRÓIKA: A INFLUÊNCIA CAPITALISTA NA REESTRUTURAÇÃO E
DESAGREGAÇÃO ECONÔMICA E TECNOLÓGICA DA UNIÃO SOVIÉTICA.**

SALVADOR

2007

ANDRESON SOUZA NOVAIS

**PERESTRÓIKA: A INFLUÊNCIA CAPITALISTA NA REESTRUTURAÇÃO E
DESAGREGAÇÃO ECONÔMICA E TECNOLÓGICA DA UNIÃO SOVIÉTICA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado no curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Ciências Econômicas.

Orientadora: Prof^ª Mse. Celeste Maria P. P. Baptista

SALVADOR

2007

ANDRESON SOUZA NOVAIS

PERESTRÓIKA: A INFLUÊNCIA CAPITALISTA NA REESTRUTURAÇÃO E
DESAGREGAÇÃO ECONÔMICA E TECNOLÓGICA DA UNIÃO SOVIÉTICA.

Aprovada em 10 dezembro de 2007.

Orientador:

Celeste Maria P. P. Baptista
Profª Mestre da Faculdade de Economia da UFBA

Antônio Plínio Pires de Moura
Prof. Mestre da Faculdade de Economia da UFBA

Antonio de Pádua Melo Neto
Prof. Mestre da Faculdade de Economia da UFBA

Dedico este trabalho a minha mãe, Junília Silva de Souza, pelo apoio constante e motivação, nestes longos anos de estudo, e a Lilian Rezende Novais, minha companheira de vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de suprema sabedoria. A Lilian Rezende Novais, minha esposa e companheira de vida, por compreender os momentos de ausência, dedicados a este trabalho. A minha mãe Junília Silva de Souza, pelos seus longos anos de dedicação, mesmo diante das limitações constantes. Aos meus irmãos. A Prof^a Celeste Baptista, pelo acolhimento e a todos os demais professores e funcionários da Faculdade de Ciências Econômicas, que tornaram possível a minha formação.

[...] tudo que é sólido se desmancha no ar.

Karl Marx

RESUMO

O estudo que segue, é uma análise da influência dos ideais capitalista, mais especificamente da doutrina neoliberal, sobre o processo de Reestruturação e Desintegração da Economia Soviética. A análise volta-se, para os elementos do modo de produção capitalista que influenciaram na reestruturação Soviética durante a Perestroika. Dentre esses elementos podemos destacar: a privatização das empresas estatais e os incentivos à concorrência; a intensificação do processo mercantil; as variações tecnológicas para padrões mundiais e o discurso do desarmamento e o pensamento global de preservação dos recursos ambientais. Busca-se, portanto, descrever os fatos que marcaram a falência da economia soviética estudando as principais medidas tecno-econômicas adotadas pelo alto comando soviético na reestruturação, *Perestroika*, a partir de 1985, baseadas no modo capitalista de produção. Esse processo histórico é posterior ao grande conflito ideológico e bélico entre as duas partes durante o século XX, chamado de Guerra Fria, que nada mais representou que a bi polarização política e econômica mundial, onde de um lado estava o comunismo soviético e suas vertentes e do outro o capitalismo, liderado pelos EUA.

Palavras-chave: Perestroika; União Soviética; reestruturação

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	
09		
2.	CAPITALISMO x SOCIALISMO	14
2.1	A DIALÉTICA HEGELIANA NA CONSTRUÇÃO DA REALIDADE	14
2.2	FORMAÇÃO HISTÓRICA DOS SISTEMAS PRODUTIVOS	15
2.3	A GUERRA FRIA E A BI-POLARIZAÇÃO ECONÔMICA	17
3.	PERESTRÓIKA: RESTRUTURAÇÃO E VULNERABILIDADE	
21		
3.1	A PRIVATIZAÇÃO DAS EMPRESAS ESTATAIS E OS INCENTIVOS À CONCORRÊNCIA	23
3.2	INTENSIFICAÇÃO DO PROCESSO MERCANTIL	27
3.3	VARIAÇÕES TECNOLÓGICAS PARA PADRÕES MUNDIAIS	28
3.4	O DISCURSO DO DESARMAMENTO E O PENSAMENTO GLOBAL DE PRESERVAÇÃO DOS RECURSOS AMBIENTAIS	30
4.	A DESAGREGAÇÃO DA URSS E A FORMAÇÃO DA CEI	
36		
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
	REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

Na última década do século XX, o mundo assistiu com espanto à destruição dos Regimes Socialistas do Leste Europeu, incluindo a dissolução da União Soviética. Esse processo marcou o fim da Guerra Fria e o nascimento de uma nova ordem mundial, com o capitalismo dominando novos territórios e com a reafirmação da hegemonia Norte Americana enquanto líder das economias capitalistas. Ao mesmo tempo, várias nações consolidaram a formação de blocos econômicos com diferentes níveis de integração como a União Européia, o Nafta e o Mercosul.

Apesar do seu desbravador crescimento econômico durante os “anos dourados”, atingindo a média de 10% na década de 50 e 7,1% nos anos 60, através da indústria de base, da mecanização agrícola, da indústria bélica e do desenvolvimento científico, a União Soviética apresentou debilidades econômicas ligadas à excessiva centralização administrativa e burocrática do estado. Essas debilidades associadas à crescente ascensão do sistema antagônico, o Capitalismo, e aos crescentes conflitos sociais internos, culminaram na sua estagnação. Problemas econômicos presentes em diferentes momentos na União Soviética foram enfrentados via economia de guerra antes de Lênin, pela Nova Política Econômica (NEP), pela centralização de Stálin e, mais recentemente, através da *Perestroika e Glasnost* de Gorbatchev. (MARANHÃO, 1999 p. 219)

A predominância do capitalismo no final do século XX não se deve apenas à sua força econômica expressiva, ou à suposta fragilidade da Economia Soviética, mas também à política de combate que manteve sobre o Sistema Socialista. Grande parte dos indicadores sócio-econômicos da URSS só foram revelados no final do século XX com Gorbachev. Em períodos anteriores seus dados foram manipulados num combate informativo, que visava conter a expansão do regime socialista. (SOUZA, 1999, p. 21)

De acordo com o trabalho do jornalista Mário Sousa, brasileiro e militante comunista na Suécia, a principal causa da queda da Economia Soviética não se relaciona aos seus defeitos econômicos, que ele considera serem poucos, mas à traição do secretário geral do Partido Comunista Mikhail Gorbachev, que rompeu com a economia fechada e deu início a um processo de mercantilização intenso com países capitalistas, desestruturando assim a “auto-suficiência soviética”, que buscava um sistema social homogêneo que minimizasse a existência de classes.

Outros militantes comunistas consideram que a vulnerabilidade do sistema soviético na sua abertura política foi a única causa da sua queda. E estes atribuem a desintegração da economia também a Mikhail Gorbachev, secretário do Partido Comunista, que em 1985 iniciou um programa de reformas no país com a *Perestroika*(reestruturação) e *Glasnost*(transparência política) que, segundo eles, além de desorganizar a sociedade civil e suas relações político-sociais, faliu a economia que era a base de sustentação do sistema. (SOUZA, 1999, p. 8).

No entanto, desde que começou a ser desenvolvido, o modelo de economia soviética sofreu gradativas modificações que convergiram em semelhanças com os moldes da economia capitalista. A Nova Política Econômica de Lênin representou o primeiro sinal de vulnerabilidade. Ela rompeu com a Economia de Guerra e marcou o aparecimento dos primeiros traços da economia capitalista no Estado soviético. Com a morte de Lênin, Stálin assumiu o poder e fez retornar a política de centralização e estatização da economia, que durou até a década de cinquenta. A partir da década de sessenta, no entanto, novos sinais de influência capitalista surgiram como as revoluções na Hungria, Romênia e Iugoslávia que pediam a liberalização econômica. Essas revoluções associadas à escassez produtiva russa contribuíram para o afrouxamento da tensão entre a URSS e os Estados Unidos através da *détente*, uma vez que as relações comerciais melhoraram entre os lados. (HOBSBAWN, 1995, p. 257)

Com uma economia estagnada, a União Soviética passou à exploração dos recursos disponíveis no mercado mundial. Segundo Eric Hobsbwan, essa integração da economia socialista com a economia mundial, durante a *détente*, representou o “*início do fim*” do socialismo realmente existente. Porém não há motivo teórico para que a economia Soviética não pudesse ter evoluído no relacionamento estreito que teve com o

Capitalismo. Economias planejadas, com relacionamento estreito com o Capitalismo, progrediram, como é o caso da Finlândia, que em 1983 recebia um quarto das exportações soviéticas e mandava para lá uma proporção semelhante. (HOBSBAWN, 1995, p. 368)

O programa econômico reformista iniciado por Gorbachev, *Perestroika*, em 1985, consistia em um conjunto de medidas que tinha como objetivo aumentar a produtividade dentro dos padrões mais avançados de tecnologia, como ocorria nos países capitalistas. Buscou-se estabelecer uma economia de mercado apenas regulada pelo Estado, ou seja, o poder central só cuidaria de alguns ramos estratégicos da produção, ou que precisassem de apoio para se desenvolver, liberando para a iniciativa privada serviços e setores industriais de pequeno porte. (GORBACHEV, 1987, p. 15)

Muitas empresas agrícolas foram privatizadas, e algumas indústrias saíram do controle do estado para uma espécie de auto-gestão pelos seus trabalhadores, que receberam ações dessas empresas. Essas mudanças não foram tranquilas: muitos operários vendiam ações que recebiam das privatizações das empresas, e aqueles que compravam enriqueciam; entre muitos camponeses havia receio de que sua situação piorasse com a privatização da terra; as máfias de traficantes e contrabandistas que atuavam no mercado negro começaram a agir com maior liberdade; a inflação e a falta de mercadorias agravaram a situação. Sem conseguir uma rápida solução para a crise, o governo de Gorbachev perdia prestígio com a população. Em 1991, já com o governo de Yeltsin na Rússia, a população continuava enfrentando todo o tipo de dificuldades, enquanto um grupo de empresários enriquecia, formando a nova burguesia russa. Todas essas alterações levaram repúblicas como Lituânia, Letônia e Estônia, as chamadas repúblicas bálticas, a se separarem da URSS. Essa situação levou Yeltsin a juntar-se com outras repúblicas e assinar um documento estabelecendo o fim da URSS e a criação da Comunidade dos Estados Independentes (CEI).

“O velho século não acabou bem”. Sobretudo pela sua política de incertezas, que tornou fictícia até a própria guerra¹. A única certeza que se tem é que a Economia Soviética integrada chegou ao fim e que o Capitalismo floresce com hegemonia. Inseguro, pelas suas próprias fragilidades e não mais pela ameaça de um sistema antagônico. (HOBSBAWN, 1995, p. 257)

1. O termo “fictício até a própria guerra” é uma menção à Guerra Fria, como algo que não se concretizou, permanecendo no campo das ameaças e interferências em conflitos regionais.

Algumas questões que se tenta responder neste trabalho são: Quais os fatores que determinaram à queda da Economia Soviética? Como foi montada a reestruturação? Qual a influência do pensamento econômico americano no programa de reestruturação desenvolvido por Gorbachev?

Este estudo tem por objetivo mostrar a influência do modo de produção capitalista, como algo que foi determinante sobre o processo de reestruturação da URSS. Dentre os elementos que demonstram essa influência podemos destacar: a privatização das empresas estatais e os incentivos à concorrência; a intensificação do processo mercantil; as variações tecnológicas para padrões mundiais e o discurso do desarmamento e o pensamento global de preservação dos recursos ambientais

Busca-se, portanto, descrever os fatos que marcaram a falência da economia soviética estudando as principais medidas tecno-econômicas adotadas pelo alto comando soviético na reestruturação, *Perestroika*, a partir de 1985, baseadas no modo capitalista de produção.

O colapso soviético é trabalhado aqui por fases históricas. Nos diversos capítulos são detalhados não somente o momento de reestruturação com a *Perestroika*, mas é também feita uma exposição sintética sobre como se desenvolveram as relações produtivas nos dois sistemas. No segundo capítulo, a questão dialética é trabalhada, mostrando-se através da compreensão da teoria de Hegel a discussão ideológica entre capitalismo e socialismo. É feito um breve relato histórico das origens dos dois sistemas mostrando-se o momento de bipolarização política e econômica do mundo na Guerra Fria.

A análise da *Perestroika* e dos elementos de maior influência na desagregação da URSS é feita no terceiro capítulo. Nele está demonstrado como as reformas propostas por Gorbachev se encaminhavam estruturalmente para o modo de produção capitalista. É possível perceber neste capítulo a forma como a *Perestroika* tornou o socialismo soviético vulnerável, uma vez que desfez a antiga estrutura.

No quarto capítulo são analisados os últimos momentos da URSS e seu processo de transição para o capitalismo. Essa última fase foi marcada pela revolução liberal, liderada na Rússia por Boris Yeltsin, que depois de Gorbachev se tornou o principal nome da mudança. Além disso, são feitas considerações sobre a formação da Comunidade dos Estados Independentes (CEI) e sobre os últimos anos de política e economia na Rússia com os governos de Yeltsin(1991-1999) e Vladimir Putin(1999-).

A elaboração deste trabalho teve-se à pesquisa de fontes secundárias, consideradas satisfatórias para o objeto de estudo. Sendo assim, alguns autores foram primordiais nas análises, com destaque para o estudo feito por Eric Hobsbawn em *Era dos Extremos* (1995) e Ângelo Segrillo em *Rússia: estado e sociedade* (2007).

O que se busca aqui, portanto, é trazer luz sobre um tema marcado pelo preconceito e complexidade nas análises dos fatos, sendo este texto um convite à discussão a todos aqueles que ainda têm dúvidas sobre o que representaram as reformas propostas pela *Perestroika* sobre a desagregação da URSS.

2 CAPITALISMO x SOCIALISMO

2.1 A DIALÉTICA HEGELIANA NA CONSTRUÇÃO DA REALIDADE

A teorização dialética proposta por Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1773-1831), parte do ponto de que a compreensão do presente se dá a partir da explicação do sentido do desenvolvimento histórico, caracterizada por intenso compromisso com a realidade. O estudo das contradições dos movimentos históricos, segundo Hegel, como os da Revolução Francesa e da Reforma Protestante, é meio de compreender o presente. “*Os resultados do movimento acabam por negar seus ideais.*” É importante, portanto, antes de caracterizar os Sistemas Produtivos que mais influenciaram o mundo nos últimos anos, considerar que ambos estiveram e ainda estão sujeitos às contradições inerentes às suas formações. (HISTÓRIA..., 1999, p. 348-352)

Hegel conviveu diretamente com o movimento revolucionário francês, sendo um jovem militante, influenciado pelas idéias de Rousseau. E foi justamente a observação do movimento revolucionário francês o ponto de conflito ideológico que culminou na sua teoria sobre a Dialética. A Revolução Francesa, segundo ele, fora fundamentada nas idéias de liberdade e igualdade, marcada, sobretudo, pelo rompimento com as monarquias absolutistas e ratificada na emersão de Bonaparte como líder revolucionário, frente às ameaças das sobreviventes monarquias européias. O ponto de análise de Hegel é: como um movimento emergido destas idéias tão liberais tornou-se um impulso lógico que transformou Bonaparte em cônsul vitalício, e logo depois, imperador, restabelecendo o regime monárquico na França? (CARADY, 1993, p. 86)

A definição lógica dos processos, para Hegel, considera três fases: a afirmação, que se constitui como a tese; a negação que é a antítese ou como o próprio nome já referencia apresenta oposição de pensamento ou contraste e a síntese, que é o produto da negação da negação. Sendo esta última uma nova afirmação mais articulada ou contra- argumentação da negação. A construção dialética de Hegel pode ser então estruturada como a forma de

pensarmos as contradições da realidade, ou a teorização da realidade como contraditória e que está em permanente transformação. (HISTÓRIA..., 1999, p. 350)

A questão dialética pensada a partir de fatos históricos pode ser percebida a partir da observação do fenômeno Iluminista francês, que é base para a revolução ao negar o Absolutismo e que depois impulsiona a volta da antiga estrutura imperialista, pela obra da ditadura de Bonaparte (síntese). (KONDER, 1999, p. 32)

Karl Marx (1818-1883) re-trabalha a questão dialética sob a perspectiva do Materialismo Histórico. Nota-se sua associação com as idéias de Hegel, na sua concepção sobre o trabalho dentro do capitalismo que demonstra a luta de classes entre burgueses e operários. Além disso, na análise desenvolvida em *O Capital*, Marx compara o capitalismo a um “aprendiz de feiticeiro”, que colocou em movimento forças que em seguida escaparam ao seu controle. O Capitalismo, segundo ele, promoveu a tecnologia que gera um crescimento excepcional, no entanto, o próprio capitalismo do auto-ajuste vem tendo dificuldades cada vez maiores para aproveitá-las, negando assim a sua afirmação inicial da “mão- invisível” ou do auto-ajuste. (KONDER, 1999, p. 32)

Não muito distante, o fenômeno Soviético remete à questão dialética ao transformar um movimento da maioria, com anseio de liberdade e unificação, num movimento centralizador e ditatorial nas pessoas de seus líderes oriundos do Partido Comunista.

2.2 FORMAÇÃO HISTÓRICA DOS SISTEMAS PRODUTIVOS

A formação histórica da experiência Socialista Soviética e do Capitalismo, não são fenômenos factuais. Simples fatos não poderiam ser responsáveis pelas grandes mudanças dos últimos séculos. Nesses processos estão inter-relacionados fatores políticos, econômicos e sociais.

Poderíamos indicar o início da Idade Moderna, no século XIV, situando aí o ponto de partida para as transformações com relação aos modos de produção pré-capitalistas e o início do processo de produção capitalista. A Idade Moderna representa, na verdade, o fim do predomínio das relações feudais e o início das várias transformações: econômicas,

políticas e sociais na Europa. Essas transformações foram, aos poucos, corroendo a sociedade feudal e dando forma a um novo tipo de sociedade, a capitalista.

No processo de transição destacou-se o desenvolvimento das relações comerciais, promovendo o acúmulo de riquezas, a formação de novas classes sociais e a transformação na forma de apropriação do excedente. Mudanças mais significativas foram introduzidas na segunda metade do século XVIII com a Revolução Industrial.

A Colonização dos séculos XVI, XVII e XVIII promoveu um grande acúmulo de riquezas que serviram de financiamento à ampliação produtiva de manufaturas, que atendiam as demandas européias e das colônias. Esse aumento da produção e da riqueza contribuiu para uma série de mudanças técnicas, que se chamou de Revolução Industrial.

A Revolução Industrial acentuou os conflitos nas relações sociais. O trabalho de produção de bens materiais passou a ser realizado, predominantemente, por trabalhadores assalariados. A classe operária vendia o direito ao uso de sua força de trabalho em troca de um salário. A classe burguesa, por sua vez, detinha a propriedade dos meios de produção: as fábricas, as máquinas, as terras e tudo que fosse necessário para haver produção, inclusive o capital necessário para instalação e manutenção das fábricas.

O Capitalismo trouxe mudanças significativas nos transportes, na agricultura, na mecânica e na siderurgia. Tudo isso dentro de um processo dinâmico, impulsionado pela concorrência das empresas e das nações. Introduziu também mudanças nas relações de trabalho, acentuando a desigualdade social e o conflito de classes.

O Império Russo não acompanhou as transformações em curso na Europa. Não conseguiu com o seu Regime Czarista, promover o crescimento das riquezas, nem o progresso técnico. Pelo contrário, regrediu ao fenômeno absolutista. Essa situação deixou descontente a maioria da população: camponeses, operários, burgueses, estudantes, artistas e intelectuais, que se sentiam explorados e desejavam mudanças para melhores condições de vida. No início do século XX, os trabalhadores passaram a se organizar através de sindicatos e conselhos, chamados soviets. Nos soviets era discutida a situação e articuladas as ações de luta.

Todas essas mudanças fizeram com que o Czar optasse pela abertura política, o que permitiu a criação de uma pluralidade de partidos no Império Russo. Dentre eles, o Partido Operário Social Democrata Russo (POSDR), cujos membros mais tarde dividiram-se em mencheviques e bolcheviques, detendo estes últimos a maioria dos agregados. Liderados por Vladimir Ilich Ulianov, conhecido como Lênin, os bolcheviques defendiam abertamente os princípios marxistas expostos no Manifesto do Partido Comunista, sendo duramente perseguidos, presos e alguns até mortos pelo Czar.

Com o início da Primeira Guerra Mundial a crise se agravou e o movimento bolchevique ganhou força, em detrimento dos outros partidos russos. Foi então que se iniciou a Revolução Armada liderada por Leon Trotsky, Lênin e outros tomando o poder em 1917. A partir de então, várias medidas foram implantadas no sentido de estatizar os meios de produção e promover a reforma agrária. Outras nações também promoveram a Revolução como a Ucrânia, Cazaquistão, Azerbaijão e a Armênia, formando em 1922 a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Com os conflitos durando vários anos a crise econômica se agravou, fazendo com que Lênin propusesse o funcionamento de empresas privadas e a prática do comércio através da Nova Política Econômica (NEP). Essas mudanças para práticas mais próximas do modelo capitalista, não agradaram a alguns revolucionários, sobretudo porque contrariavam a proposta de uma sociedade socialista. A NEP, no entanto, permitiu rápido crescimento econômico e o enriquecimento de alguns camponeses, industriais e homens de negócios.

A ruptura com a NEP se deu em 1927 com a morte de Lênin e a posse do Secretário Geral do Partido Comunista, Joseph Stálin, como chefe de governo, que estatizou totalmente a economia. Stálin centralizou o poder na Rússia e promoveu uma intensa industrialização, fazendo com que a indústria pesada chegasse à taxa média de crescimento de 273% entre 1928 e 1933, tornando a URSS a terceira potência industrial do mundo. (MARANHÃO, 1999, p. 106)

2.3 A GUERRA FRIA E A BI-POLARIZAÇÃO ECONÔMICA.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a URSS e EUA já não falavam a mesma língua da Aliança que derrotou a Alemanha e seus aliados. Sobretudo porque havia uma disputa pela hegemonia econômica e política mundial. (HOBBSBAWN, 1995, p. 360)

De um lado, o Regime Socialista do Leste Europeu, marcado pela centralização política e econômica, onde o Estado Forte decidia o que produzir, como produzir e para quem produzir. E do outro os EUA que buscavam a expansão do Modelo Capitalista, defendendo a autonomia dos agentes produtores e consumidores como mecanismo automático de ajuste para o bem estar.

A Rússia constituía-se no “Grande quartel general” dos soviéticos e era de lá que vinham as grandes decisões, no que se refere à economia. O regime comunista possuía grandes estruturas administrativas de regulação, o que dificultava o investimento verdadeiramente produtivo, tendo em vista que os recursos eram destinados para regulação das empresas que pertenciam ao próprio governo. Outro aspecto relevante do antigo sistema soviético era a ditadura política, que segundo seus líderes visava garantir a transição para um sistema social sem classes.

Os EUA emergiram no início do século XX como os líderes do mundo capitalista. A expansão de suas idéias e do seu poderio se dava através de projetos estratégicos, como o Plano Marshall de reconstituição da Europa pós-guerra. Era crescente neste período a simpatia de alguns países europeus pelo regime socialista, enquanto alternativa para solução de terríveis déficits sociais existentes no pós-guerra. A Segunda Guerra foi um conflito longo, com graves conseqüências para a economia do continente europeu incluindo suas indústrias e o seu comércio; algumas ferrovias e portos foram destruídos; cidades chegaram a ser completamente devastadas. Neste cenário e frente à ameaça de expansão do socialismo soviético, o secretário de estado americano George Marshall, propôs ajuda econômica em grandes proporções aos países europeus, com recursos financeiros, matérias-primas e equipamentos. O Plano Marshall contribuiu para a rápida recuperação dos países europeus e, ao mesmo tempo, fortaleceu a economia capitalista americana.

Basicamente o Modo de Produção Capitalista assegura o direito de propriedade privada dos meios de produção tido como forma de aumentar a eficiência produtiva. A formação

de preços se dá, pois, a partir de um mercado concorrente, que fortalece a produção em escala. Ademais, considera que a democracia republicana é a melhor forma de gerir uma nação.

Um dos primeiros conflitos entre americanos e soviéticos se deu na guerra civil grega em 1944, quando nem a II Guerra Mundial havia terminado definitivamente. Forças comunistas revolucionárias tentaram tomar o poder e os americanos ofereceram ajuda ao governo grego para derrotá-los. Em 1948, a cidade de Berlim, na Alemanha, que estava dividida entre ingleses, americanos, franceses e soviéticos foi o ponto de conflito. Soviéticos passaram a impor embargos às cargas vindas do lado ocidental, dominado por americanos, ingleses e franceses. Estes embargos acabaram dividindo a cidade em zonas: a ocidental, sob influência dos países capitalistas e a oriental, submetida à URSS.

Outros exemplos de conflito se deram: na guerra da Coreia, que dividiu o país em norte, dominado pelo regime soviético e sul, atrelado ao regime capitalista; na revolução chinesa liderada por Mao Tsé-tung e na revolução cubana. Esta última merece destaque por representar a experiência mais marcante do comunismo na América.

A revolução cubana teve desdobramentos como a crise que aconteceu no início da década de sessenta, quando os EUA reagindo ao processo de nacionalização das usinas, indústrias e refinarias cubanas, criou embargos comerciais à ilha caribenha e ameaçou invadi-la sob alegação de que mísseis soviéticos haviam sido instalados lá. A “Crise dos Mísseis”, no entanto, foi resolvida por meio de um acordo entre os EUA e a URSS em 1962 que determinava a retirada dos mísseis em troca do compromisso dos norte-americanos de não invadirem a ilha. A crise em Cuba representou a retomada das fortes tensões que haviam sido cessadas com a morte de Stálin em 1953.

Apesar da permanência de um estado latente de tensão, as relações entre os dois lados foram se tornando menos aquecidas, havendo contribuído para tanto a morte de Stálin, em 1953. Durante cerca de trinta anos, Stálin conduziu a URSS com “mão de ferro”. A ascensão de Nikita Kruchev, crítico de Stálin que perseguiu duramente as idéias políticas centralizadoras promoveu mudanças significativas, propondo um acordo de tolerância mútua entre capitalistas e socialistas. Os anos seguintes, que vão até a desagregação da URSS em 1991 são marcados por conflitos internos dos dois lados: revoluções

“democratizantes” na órbita da URSS, como as ocorridas na Tchecoslováquia e Hungria. No lado ocidental conflitos envolvendo os movimentos dos negros e feministas nos EUA e Europa, respectivamente.

O conflito entre Americanos e Soviéticos, portanto, culminou naquilo que se chamou de Guerra Fria. Um conflito marcado não pela presença real de uma guerra armada entre EUA e URSS, mas de ameaças e intervenções dos dois lados em prol do domínio sobre os demais países do mundo. A Guerra Fria, portanto, expressou a divisão do mundo em dois pólos: um dominado pelo Modo de Produção Capitalista, liderado pelos EUA e outro pelo Socialismo, liderado pela URSS.

3 PERESTROIKA: RESTRUTURAÇÃO E VULNERABILIDADE

Tudo que foi visto até aqui mostra, através de uma revisão histórica, como os regimes capitalista e socialista se desenvolveram e como divergiram. A Perestroika, no entanto, revela-se como um movimento de transição da URSS para o regime de produção capitalista, mostrando as fragilidades do Sistema Soviético para se desenvolver internamente e se afirmar externamente como modo de produção alternativo.

As fragilidades externas dos soviéticos em se manter como sistema alternativo começaram a ficar mais nítidas a partir de 1989 quando, influenciados pelas idéias da *Perestroika* de Gorbachev, os países socialistas do leste europeu: Polônia, Hungria, Tchecoslováquia, Romênia, Bulgária, Albânia, Alemanha Oriental e Iugoslávia exigiam o estabelecimento do Socialismo Democrático e a extinção do modelo stalinista.

O ponto para o qual se deve chamar a atenção, no entanto, é que as reformas defendidas por estes países e pela Perestroika, não representavam a volta aos ideais de socialismo democrático, do início da Revolução de 1917, mas a abertura para o modo de produção capitalista do ocidente. Sobretudo, porque não reformava o país no sentido de distribuir as terras e os meios de produção para a população mais desprovida de recursos, como defendia a revolução, mas abria os países soviéticos ao sistema de concentração dos meios produtivos. A concentração de recursos expandiu a classe burguesa emergente, tal como nos países capitalista, e estratificou a população em classes sociais novamente, sob discurso de possibilidade de mobilidade social através do trabalho.

É evidente também, que o regime totalitário de Stálin era contraditório com a revolução de 1917. Qualquer crítica a Stálin não era admitida, sob pena de perseguição, prisão e até assassinato, alegando-se traição a URSS. O que diferencia o regime stalinista dos reformistas Gorbachev e antes Kruchev, porém, é a defesa dos interesses nacionais, valor este, que Stálin conseguiu preservar da revolução dos soviets.

Apesar de todo o otimismo de Gorbachev em negar que a Perestroika seja consequência das contradições do regime soviético, ele acaba ratificando-as.

No ocidente há diversas interpretações da Perestroika, inclusive nos EUA. Existe o ponto de vista de que foi necessária devido ao estado desastroso da economia soviética e que significa o desencanto com o socialismo e uma crise de seus ideais e seus fins últimos. Nada poderia estar mais longe da verdade, sejam quais forem os motivos ocultos de tal interpretação.

... A Perestroika é uma necessidade urgente que surgiu da profundidade dos processos de desenvolvimento em nossa sociedade socialista. Esta encontra-se pronta para ser mudada e há muito tempo que anseia por mudanças. Qualquer demora para implantar a Perestroika poderia levar, num futuro próximo, a uma situação interna exacerbada que, em termos claros, constituiria um terreno fértil para uma grave crise social, econômica e política. (GORBACHEV, 1987, P.15, 19).

Acerca das motivações econômicas que levaram à reestruturação, Gorbachev considera que uma espécie de “freio” afetou o desenvolvimento sócio-econômico a partir da segunda metade da década de 1970. Algo que ele considerava inexplicável, tendo em vista que aconteceu numa época em que novos horizontes de progresso eram abertos pela revolução científica e tecnológica. A partir deste período, a taxa de crescimento econômico caiu consideravelmente aproximando-se da estagnação. Ele observa ainda a existência de uma “hiato” na eficiência da produção, ocasionado principalmente pelo baixo desenvolvimento tecnológico e científico em relação aos demais países. (GORBACHEV, 1987, P.15)

Tabela 1: Taxas Médias de Crescimento anual da economia da URSS.

1928-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1975	1976-1980	1981-1985
14,30%	6,30%	10,30%	7,20%	5,70%	4,30%	3,20%

Fonte: Narodnoe khozyaistvo, SSSR, diferentes anos.

A crise econômica da URSS, que culminou na *Perestroika*, deve ser vista como um movimento longo, que envolve fatores endógenos que vão desde a NEP de Lênin até a centralização política de Stálin e fatores exógenos, como a Guerra Fria, que obrigou a URSS a investir massivamente nas indústrias bélica e nuclear, em detrimento da produção de serviços públicos como educação, saúde, transporte e habitação.

O ponto central é que os elementos propostos por Gorbachev para reestruturação da URSS, não representaram a reafirmação do socialismo democrático, mas ratificaram a vulnerabilidade dos soviéticos, com um agravante: possibilitaram a sua desagregação.

A reforma política – *Glasnost* – foi importantíssima para o fim da URSS, no entanto, as mudanças econômicas talvez tenham sido as que mais caminharam em direção ao capitalismo e que também tenham melhor evidenciado a vulnerabilidade da URSS.

3.1 A PRIVATIZAÇÃO DAS EMPRESAS ESTATAIS E OS INCENTIVOS À CONCORRÊNCIA.

Esta talvez tenha sido a mudança que mais marcou a transição para o capitalismo na URSS. A autonomia das Empresas Estatais, segundo Gorbachev, foi discutida e examinada tecnicamente pelos órgãos de gestão da URSS. Consistia basicamente em conceder autonomia às empresas, através da privatização das estatais por distribuição de ações. Ele considera que o Estado deveria assumir um papel estratégico no sistema produtivo e as empresas de maneira autônoma o executariam. A Lei das empresas, segundo ele, representava um estímulo interno para o auto-desenvolvimento (GORBACHEV, 1987, p. 100 -101). Esta reformulação, no entanto, é própria do modo de produção capitalista, baseada no direito à propriedade privada dos meios de produção.

A reforma da lei em relação às empresas se intensificou a partir de 1987 com os chamados *Fundamentos da Reestruturação Radical da Administração Econômica*, que visava primordialmente à ampliação da independência das empresas e associações para o sistema de autocomputação de custos e autofinanciamento, além da concessão dos direitos de apropriação dos recursos produtivos. Essas mudanças representavam o rompimento com a estrutura primordialmente administrativa, mantida pelo Estado, para uma estrutura técnica e econômica, como no modo de produção capitalista, onde o direito de propriedade privada dos meios de produção é conservado, salvo exceções. Representava a transferência de funções administrativas do estado para as empresas, responsabilizando-as pelos resultados lucrativos, que seriam proporcionais à eficiência como foram conduzidas. Isto deveria, também, libertar a administração central do Estado para assumir um papel estratégico nos processos que levariam ao crescimento econômico.

Essas mudanças representaram uma reestruturação radical de planejamento, formação de preços, mecanismos financeiros e de crédito, na rede de tecnologia e materiais, na administração do progresso científico e tecnológico, no trabalho e no campo social. Gorbachev considerava que as reformas visavam, na verdade, a desburocratização do Estado e o encorajamento às inovações científicas.

A transição para o desenvolvimento intensivo e aceleração do progresso tecnológico, proposto pela Perestroika passa, acima de tudo, pela reestruturação do sistema de administração econômica. Segundo Gorbachev, os soviéticos precisavam se sentir verdadeiros donos da produção e não apenas donos do papel. Somente assim se comprometeriam com os resultados finais do seu trabalho. (GORBACHEV,1987, p. 93).

As principais reformas do sistema econômico se deram a partir da reunião plenária do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), em junho de 1987. Ela propôs reformulações que iriam de mudanças na estrutura de planejamento e sistema de formação de preços, dos mecanismos do mercado financeiro e de crédito até a abertura para comercialização com outros países e auto-administração das empresas. A lógica da reestruturação, no entanto, não foi um processo dedutivo, partindo da economia como um todo, para as unidades produtivas, ao contrário partiu das empresas e conglomerados, que eram considerados pelos soviéticos como o principal elo da corrente econômica. Era nas empresas, segundo eles, que os valores materiais eram gerados, onde as idéias eram materializadas. Nelas seriam interligadas as relações sociais, regidas pelos interesses individuais e as relações econômicas.

As análises que desencadearam a Perestroika consideram que a grande falta de estímulos internos para o autodesenvolvimento tenha sido o principal ponto que levou ao atraso econômico das empresas durante os anos anteriores à reestruturação. Pelo antigo sistema a elas eram atribuídos atividades e recursos. Todas as despesas eram cobertas pelo Estado, as vendas garantidas e a renda dos empregados não dependia dos resultados alcançados pela unidade produtiva. Na visão dos defensores da *Perestroika* essa estrutura comprometia tanto a qualidade dos produtos, quanto os lucros e, conseqüentemente, a eficiência do processo de produção. A defesa da *Perestroika* propunha, portanto, incentivos a padrões competitivos com escassez de recursos como forma de estimular o

progresso técnico e científico, o que minimizava as diferenças em relação ao sistema capitalista, do ponto de vista do processo produtivo.

As empresas deveriam nascer e se especializar a partir das novas demandas de mercado, tomando, de maneira autônoma, as decisões do que produzir, quanto produzir e para quem produzir. Deveriam ser encorajadas ao progresso pelo espírito competitivo, através das exigências do consumidor. Além disso, a renda dos trabalhadores passaria a depender estritamente dos lucros das empresas.

Havia no discurso político dos reformistas a idéia de que o desemprego não passaria a existir com a reforma nas empresas e que o socialismo só se reafirmava com tais medidas. Obviamente, não havia ingenuidade nesse discurso, tendo em vista que a teoria competitiva já havia sido amplamente estudada por Gorbachev e seus aliados através da análise dos estudos de Marx e Engels. E talvez fosse impossível, estudos tão profundos não trazerem a consciência da formação de um exército industrial de reserva para um sistema com padrões tão semelhantes aos do capitalismo. Os instrumentos de publicidade de tais reformas eram, principalmente, os chavões de que a classe trabalhadora seria transformada nos verdadeiros patrões e que o povo seria envolvido ativamente nos processos econômicos. (GORBACHEV, 1987, p. 101)

Sob o ponto de vista político-organizacional, as empresas teriam decisões mais flexíveis, ou seja, que permitissem mudanças na produção, conforme as exigências de mercado e seriam capazes de se modernizar, estando abertas aos avanços e rejeitando os meios de produção superados. Tudo isso dentro de um processo dinâmico, com decisões e execuções rápidas de estratégias. (GORBACHEV, 1987, p. 100)

Outra mudança significativa com a Lei das Empresas foi a introdução de métodos mais detalhados para computação dos custos. Essa mudança trazia grandes desafios: se adaptar ao Plano Quinquenal vigente, que continha as ações da economia soviética de maneira planificada por cinco anos; anteceder as reformas de formação dos preços, dos mecanismos de financiamentos e de crédito e adaptar-se à nova estrutura do comércio atacadista. Como numa economia de mercado, a computação exaustiva dos custos deveria permitir a alocação eficiente de recursos, tornando racional a tomada de decisões estratégicas. (GORBACHEV, 1987, p. 103)

A Lei das Empresas colocou o estado soviético numa nova posição de centralismo, mudando de um controle burocrático, soberanamente centralizador, para assumir um papel fiscalizador. Essas mudanças passavam pela reestruturação de ministérios, redefinindo seus objetivos e atividades. O planejamento da produção e dos resultados, antes gerido pelo governo passou às empresas, que os definiriam a partir das demandas de mercado, expressas na demanda governamental e das famílias. (GORBACHEV, 1987, p. 103)

O denominado Comitê de Planejamento Estatal abriu mão da regulação diária dos ministérios e departamentos e estes também o fizeram em relação às empresas. As novas diretrizes previam uma regulação em longo prazo para salários, distribuição de lucros, orçamentos, relações trabalhistas, etc. Tudo isso criava um sistema de auto-governo para as empresas. No entanto, as mudanças introduziram os contratos como garantia de cumprimento das encomendas e dos padrões de qualidade.

Acerca das demandas governamentais, a Perestroika traçou uma perspectiva de que, num futuro próximo, com o amadurecimento do modelo competitivo, seriam definidas a partir de disputas via mercado entre as empresas.

Assim que tivermos adquirido a experiência necessária, colocaremos as encomendas estatais em base competitiva, aplicando o princípio da rivalidade ou competição socialista. (GORBACHEV, 1987, p. 101).

O desafio da Perestroika frente às mudanças nos ministérios, departamentos e métodos econômicos em relação às empresas era grande e exigia mudanças radicais na estrutura gerencial, como de fato ocorreu em muitos setores da economia. Um bom exemplo foi o setor agrícola, que simplificou sete ministérios e departamentos em um único comitê, o chamado Gasogropom (Comitê Agroindustrial Estatal da URSS).

Todas essas mudanças ganharam legalidade na chamada Lei das Empresas Estatais, que assegurava o cumprimento dos padrões de competição, entrando em vigor em 1º de janeiro de 1988.

3.2 INTENSIFICAÇÃO DO PROCESSO MERCANTIL

De suma importância econômica, a ampliação das relações comerciais foi parte integrante da Perestroika e decisiva à transição ao capitalismo. Mudanças significativas foram efetuadas neste sentido, visando integrar as economias do bloco soviético e os países de regime comunista, como Iugoslávia, República Popular da China e Albânia. Além disso, defendia-se a comercialização com outros países, inclusive do ocidente. (GORBACHEV, 1987, p.196).

Segundo Gorbachev, um dos fatores preponderantes para a integração comercial seria a especialização produtiva. Cada país deveria se especializar na produção daquilo em que possuía vantagens de produtividade e cooperar com os “países irmãos”. Essa tendência comercial estimulava, por sua vez, a formação das “empresas socialistas mistas”, que agora não mais eram controladas apenas pelo Estado, mas que possuíam certa autonomia, de modo que as mudanças nas relações comerciais tendiam à um sistema de mercado. Considera-se que a política de especialização da produção tem origem na Teoria das Vantagens Comparativas, desenvolvida por Ricardo¹ no século XVIII.

Uma das principais estratégias da Perestroika em relação à expansão das relações comerciais referia-se a Europa ocidental. Segundo Gorbachev, a URSS e a Europa eram ligados histórica e geograficamente, de sorte que as relações de cooperação econômica entre os dois eram inevitáveis. Todo este discurso econômico foi feito sob forte apelo político de que não se podia mais separar a URSS de seus vizinhos. Para os reformistas soviéticos, a URSS cooperara com a Europa ocidental em momentos importantes, como no combate ao fascismo, quando a maioria das mortes foi de soviéticos - cerca de 20 milhões- e em tratados políticos, como para a reunificação das Alemanhas.

1. *David Ricardo (1772-1823) – nasceu em Londres, e é considerado um dos principais representantes da economia política clássica. Considerado um dos fundadores desta escola, junto com Adam Smith e Thomas Malthus. Segundo Ricardo, os países participam do comércio*

internacional porque são diferentes e podem se especializar naquilo que produzem melhor. Sendo assim, podem produzir em economias de escala, dada a variedade limitada de produtos. A vantagem comparativa é dita quando o custo de oportunidade da produção de um bem em relação a um outro é mais baixo que em outro país. O comércio internacional, portanto, seria o resultado das diferentes produtividades do trabalho.

3.3 VARIAÇÕES TECNOLÓGICAS PARA PADRÕES MUNDIAIS.

Um conjunto de alterações neste sentido foi realizado como investimentos massivos na produção; substituição de máquinas e equipamentos; mudança para três turnos de trabalho; redução dos investimentos em estruturas administrativas e de regulação direta e modernização das indústrias siderúrgicas e químicas.

Segundo Gorbachev, a partir da segunda metade da década de 1970, o “hiato” da eficiência começou a se alargar na produção, no desenvolvimento científico e tecnológico, na geração de tecnologia avançada e em seu uso. Havia também ineficiência na alocação de verbas transformando uma grande parte da riqueza nacional em capital ocioso. Os projetos eram caros e não atingiam “*os mais altos padrões mundiais científicos e tecnológicos.*”. A linha de produção soviética usava mais recursos por unidade produzida que os outros países desenvolvidos, existia portanto, uma preocupação com a eficiência na alocação de recursos produtivos. Deve-se ressaltar aqui, que a intenção de Gorbachev era conduzir a URSS a padrões mundiais de ciência e tecnologia. (GORBACHEV, 1987, p.18)

Estamos acostumados a dar prioridade ao fator quantitativo da produção, tentamos controlar as taxas decrescentes de crescimento, mas o fizemos principalmente aumentando os gastos de modo contínuo. Expandimos as indústrias de combustíveis e energéticas, e aumentamos o uso dos recursos naturais da produção. (GORBACHEV, 1987, p.18)

Gorbachev considera que, o crescimento quantitativo do produto da URSS era financiado pela utilização, cada vez maior, dos recursos e não pela eficiência. Se os recursos fossem utilizados eficientemente o crescimento do produto seria relativamente superior à utilização dos recursos. A eficiência, segundo ele, aconteceria se tão logo a URSS tivesse os padrões tecnológicos e científicos alterados para os níveis das nações desenvolvidas. As conseqüências diretas da má utilização dos recursos foram a escassez de matérias primas e uma crise que causou a queda na taxa de crescimento e a estagnação econômica.

A crise afetou também os aspectos sociais e culturais, gerando o chamado *principio residual*, onde os programas sociais e culturais passaram a receber os resíduos do orçamento, depois dos recursos alocados na produção.

Era inadmissível aos reformistas, que a URSS tivesse ao mesmo tempo foguetes capazes de encontrar o cometa Halley e atingir Vênus, e eletrodomésticos de péssima qualidade.

Era marcante, neste processo de reestruturação tecnológica, um sentimento de ruptura com a concentração e pouco dinamismo da economia soviética, bem como uma transição para os métodos capitalistas.

Não foi o tipo de discussão com a qual estávamos acostumados durante tantos anos: foram feitas muitas críticas, amargas, mas veementes. Todavia, examinaram-se principalmente modos e meios específicos e adequados para se passar para uma economia intensiva, para um novo tipo de crescimento econômico. (GORBACHEV, 1987, p.28)

A mudança de padrões tecnológicos colocou ênfase no reequipamento técnico das empresas e não na construção de novas. Buscava-se a eficiência na alocação de recursos e na qualidade dos produtos. Foi também desenvolvido um projeto para modernizar a engenharia industrial, que segundo Gorbachev, antes fora negligenciada.

Em junho de 1987, em reunião plenária do PCUS, foi aprovado um programa, que segundo Gorbachev, em termos revolucionários superava a Nova Política Econômica de Lênin, chamado de *Fundamentos da Reestruturação Radical da Administração Econômica*, que consistia num conjunto de propostas que dariam um “caráter econômico-democrático” à sociedade soviética, em detrimento de uma sociedade “primordialmente administrativa”. Foi elaborado também, um programa nacional, com fundo financeiro específico, destinado ao progresso científico e tecnológico, tendo como objetivo maior a equiparação com os padrões mundiais de produção.

O grande desafio da Perestroika era mudar os rumos: a soma de um grande número de edifícios administrativos e oficinas deveria ser substituída por uma estrutura de eficiência produtiva, científica e tecnológica. Para isso, dobraram-se os recursos para produção de máquinas, prolongaram - se os turnos de trabalho para dois e três em algumas indústrias, e foram adotadas políticas de incentivo à eficiência no uso das matérias – primas. Outro

grande desafio foi à substituição das máquinas obsoletas, que antes eram vistas como patrimônio nacional. (GORBACHEV, 1987, p.104)

O novo projeto previa, ainda, estímulos à produção interna de tecnologia de ponta, em detrimento da importação de tecnologias atrasadas de outros países orientais, já que nas últimas décadas os países ocidentais, liderados pelos EUA, haviam aplicado restrições às exportações de tecnologias avançadas para lá. Esses estímulos à produção científica interna, buscaram garantir também, que o potencial científico da engenharia soviética se voltasse para a produção interna, já que grande parte desse potencial era exportado. Por exemplo, as linhas de transportadores rotativos e o método de fundição contínua do aço, que foram inventados pelos russos tiveram no exterior um percentual de aplicabilidade maior que internamente.

Várias outras ações visando o progresso tecnológico e científico foram implementadas, como a construção de vinte e dois complexos intersetoriais de pesquisas e um programa especial voltado para a modernização radical da indústria mecânica. O objetivo central era atingir os padrões mundiais em seis ou sete anos. Intensos investimentos também foram feitos nas engenharias eletrônica e química, além da siderurgia. (GORBACHEV, 1987, p.104)

Essas mudanças foram feitas com apoio da maioria reformista, mas também sob forte oposição dos socialistas conservadores, que consideravam tais reformas como a quebra dos alicerces socialistas já que o objetivo central era a concorrência com os padrões mundiais e não diretamente o bem coletivo da sociedade soviética.

3.4 O DISCURSO DO DESARMAMENTO E O PENSAMENTO GLOBAL DE PRESERVAÇÃO DOS RECURSOS AMBIENTAIS

Há pelo menos dois pontos de contato entre socialismo e capitalismo, a serem observados, na concepção descrita na Perestroika, sobre a preservação dos recursos ambientais. Um refere-se ao ideal político para busca de alternativas pacíficas à Guerra Fria, evitando conseqüências graves e uma possível guerra nuclear e o outro relacionado à alocação e

distribuição dos recursos naturais, como matérias primas cuja utilização em excesso e com desperdício pode causar escassez de recursos produtivos.

A pressão da Corrida Armamentista Nuclear, durante a Guerra Fria, contribuiu muito para a reestruturação do sistema soviético, sobretudo pelo medo das conseqüências. Destaca-se aqui o caso do acidente nuclear de *Chernobyl*, ocorrido em 26 de abril de 1986, que vitimou milhares de pessoas, produzindo uma nuvem de radioatividade que atingiu a União Soviética, Europa Oriental, Escandinávia e Reino Unido.

Os territórios mais atingidos foram os da Ucrânia, Bielorrússia (Belarus) e Rússia, causando a evacuação e reassentamento de cerca de 200 mil pessoas, sendo que, 60% de radioatividade ocorreu sobre o território bielorrusso. Com o acidente, aumentaram as preocupações com a segurança da indústria nuclear soviética, fazendo com que a mesma diminuísse sua expansão por muitos anos.

Em relatório oficial em 2005, a ONU considerou como conseqüência direta do acidente 56 mortes, sendo 47 trabalhadores da usina e 9 crianças com câncer de tireóide. Além disso, estimou que cerca de 4000 pessoas morreriam de doenças relacionadas ao acidente.

Inicialmente o governo soviético tentou esconder o ocorrido do restante do mundo, o que se revelou impossível em virtude das conseqüências da radiação, detectada em altos níveis, em vários países. O pronunciamento de Gorbachev na época do acidente, admitindo a ocorrência foi em tom de mudanças.

As conseqüências do armamento nuclear poderiam ser desastrosas, tanto por acidentes, quanto por guerras, em que não haveria vencidos nem vencedores. A Preservação ambiental e da vida passou a ser uma necessidade mundial e reforçou o pensamento de que as necessidades da humanidade não eram separáveis das necessidades dos Soviéticos.

Considerada um dos principais fatores da crise econômica que atingiu a URSS, principalmente a partir da segunda metade da década de setenta, a corrida armamentista mobilizou recursos de todos os campos, sendo estes transferidos de áreas importantes para a sociedade, como saúde e educação.

Para Gorbachev, a situação da Guerra Fria era insustentável, tanto sob o ponto de vista econômico, quanto político e ambiental. Fica claro na Perestroika a preocupação, influenciada pela crescente pressão internacional, quanto ao funcionamento da economia a partir da preservação dos recursos ambientais.

Embora a perspectiva de morte numa guerra nuclear seja sem dúvida a mais apavorante possível, o tema é mais amplo. A escalada da corrida armamentista, combinada com a realidade política e militar do mundo e as persistentes tradições do pensamento político pré-nuclear, impede a cooperação entre os países e os povos, o que – nisso ocidente e leste concordam – é indispensável se as nações do mundo desejam preservar a natureza intacta para assegurar o uso e a reprodução de seus recursos e, conseqüentemente, sobreviver como é próprio dos seres humanos. (GORBACHEV, 1987, p. 10)

A sobrevivência através da preservação dos recursos ambientais deveria ser, portanto, fruto da cooperação entre os países. E é óbvio que nenhum dos lados desejava a guerra nuclear e suas conseqüências. Acordos importantes entre EUA e URSS foram feitos neste sentido, visando o fim das tensões nucleares. Dentre estes destacam-se, os acordos de cooperação em armas anti-satélite, de redução da atividade militar no oceano Índico e no Oriente Médio e para o comércio de armas, assinados entre Gorbachev e o então presidente americano Richard Nixon. Acordos de cooperação no comércio de armamento entre rivais? Sim. Estas ações tentavam também demonstrar que não havia más intenções entre eles.

O desarmamento era uma necessidade para soviéticos e americanos. No início dos anos setenta, ambos atingiram a capacidade militar de destruir um ao outro, dezenas de vezes. Estavam tecnicamente empatados sob o ponto de vista bélico, mas se esforçaram pelo desarmamento em detrimento do avanço no arsenal armamentista. Para Gorbachev, caso um dos lados decidisse por continuar o programa, a solução poderia se revelar desvantajosa para o mesmo. Isso porque, o lado mais fraco poderia simplesmente decidir explodir as suas reservas nucleares, até mesmo no seu território, o que representaria suicídio e a destruição lenta do seu oponente. (GORBACHEV, 1987, p. 259).

Na década de oitenta, vários esforços continuaram sendo feitos com a finalidade de promover o desarmamento. Por exemplo: o encontro de Genebra, na Suíça entre Gorbachev e Nixon, do qual muitas incertezas persistiram, mas também muitos avanços

aconteceram como a conclusão formal de que a segurança mundial era maior que os interesses de americanos e soviéticos e que se daria início a reduções dos programas nucleares. No entanto, em 1985 a URSS decretou a moratória pelo desarmamento, que significou uma interrupção do acordo, diante das declarações americanas de que a opção de desarmar-se era puramente soviética.

Em 15 de janeiro de 1986 a URSS apresentou um programa que previa o desarmamento nuclear completo em 13 anos. O programa visava, principalmente, desfazer-se dos mísseis de médio alcance, armas estratégicas ofensivas e a não militarização do espaço cósmico.

A segurança mundial passou a ser algo muito mais amplo para os soviéticos. O seu programa de desarmamento buscou não somente reduzir as tensões entre os dois lados, mas também inserir a URSS num novo contexto internacional de globalização com declarações no sentido de uma predisposição para mudanças militares, políticas, econômicas e humanitárias. As principais propostas foram:

1. No campo militar:

- a) renúncia dos poderes nucleares da guerra convencional e nuclear entre si mesmos ou contra terceiros;
- b) prevenção da corrida armamentista no espaço cósmico, cessação de todos os testes com armas nucleares e total destruição das mesmas, proibição e destruição das armas químicas e renúncia ao desenvolvimento de outros meios de aniquilação em massa;
- c) uma redução rigorosamente controlada dos níveis de capacidade militar dos países aos limites da suficiência razoável;
- d) dispersão das alianças militares e, como uma etapa que conduza a isto, a renúncia de sua ampliação e da formação de novas;
- e) redução equilibrada e proporcional dos orçamentos militares.

2. No campo político:

- a) rigoroso respeito aos procedimentos internacionais em favor do direito de cada povo de escolher os modos e formas de seu desenvolvimento;
- b) resolução política justa das crises internacionais e conflitos regionais;
- c) elaboração de um conjunto de medidas com finalidade de desenvolver a confiança entre os Estados e criar garantias efetivas contra o ataque externo e para a inviolabilidade de suas fronteiras.
- d) elaboração de sistemas efetivos para a prevenção do terrorismo internacional, incluindo aqueles que assegurem a segurança do território internacional, espaço aéreo e comunicações marítimas.

3. No campo econômico:

- a) exclusão de todas as formas de discriminação da prática internacional; renúncia à política de bloqueios econômicos e sanções, se isso não for diretamente considerado nas recomendações da comunidade mundial;
- b) busca conjunta de meios para uma solução justa do problema dos débitos;
- c) estabelecimento de uma nova ordem econômica mundial, garantindo segurança econômica igual para todos os países;
- d) elaboração de princípios para a utilização de parte dos fundos liberados como resultado da redução dos orçamentos militares para o bem da comunidade mundial e das nações em desenvolvimento em primeiro lugar;
- e) soma de esforços na exploração e execução pacífica do uso do espaço cósmico e na resolução dos problemas globais, dos quais depende o destino da civilização.

4. No campo humanitário:

- a) cooperação na disseminação das idéias de paz, desarmamento e segurança internacional; maior circulação de informações gerais objetivas e contato mais amplo entre os povos com o propósito de se conhecerem melhor; reforço do espírito de entendimento mútuo e concórdia em suas relações;
- b) eliminação do genocídio, segregação dos negros, defesa do fascismo e de qualquer outra forma de exclusão social, de nacionalidade, ou religiosa, e também da discriminação dos indivíduos com base nestas;
- c) extensão, respeitadas as leis de cada país, da cooperação internacional na implementação dos direitos políticos, sociais e pessoais dos povos;
- d) solução das questões relacionadas com a reunião de famílias e casamento num espírito humanitário e positivo e a promoção de contatos entre os povos e organizações;
- e) reforço e busca de novas formas de cooperação na cultura, arte, ciência, educação e medicina. (GORBACHEV, 1987, p. 272 - 274)

Paralelo aos esforços de desarmamento, havia a preocupação com os recursos ambientais do ponto de vista econômico e sua alocação no sistema produtivo. A produtividade soviética era muito inferior em relação aos países desenvolvidos da órbita ocidental, ou seja, a produção usava mais recursos por unidade produzida. O crescimento quantitativo era financiado pela utilização dos recursos e não pela eficiência. Além disso, o crescimento do produto era relativamente inferior à utilização dos recursos. Percebia-se uma defasagem nos padrões tecnológicos e científicos da URSS. As conseqüências diretas, portanto, seriam a escassez de recursos e uma crise não só econômica, mas também ambiental.

A exploração das jazidas de minério de ferro, para produção de aço, chegou quase que a seu limite, além dos desmatamentos contínuos para produção de grãos. O que mais intrigava os reformistas era que mesmo sendo o maior produtor de aço do mundo a URSS, apresentava escassez desse recurso devido ao uso ineficiente. E que, mesmo sendo um dos maiores produtores de grãos, tivesse que importar milhões de toneladas por ano para forragem.

O desarmamento nuclear e a preservação dos recursos ambientais, portanto, passaram a ser vistos, na *Perestroika*, como necessários para garantir a sobrevivência de todo o planeta. As mudanças, segundo eles, deveriam acontecer também na URSS e influenciar o mundo inteiro, inclusive os EUA, que também deixavam a desejar nas suas práticas.

4 A DESAGREGAÇÃO DA URSS E A FORMAÇÃO DA CEI

O fim da URSS é um dos mais emblemáticos fatos políticos e econômicos que já aconteceram na história contemporânea. O que se observa, no entanto, de mais curioso é que os fatores econômicos motivaram as transformações políticas e conduziram todas essas mudanças.

A visão política da *Perestroika* era de “democratizar os meios de produção”. A democratização sugerida, porém, constituía-se na transferência dos meios de produção para a propriedade privada, transformando a estrutura de gestão do Estado em algo muito próximo do capitalismo ocidental:

Sempre gostei da famosa fórmula sugerida por Lênin: o socialismo é a criatividade viva das massas. O socialismo não é um sistema teórico que a priori divide a sociedade em dois grupos: aqueles que dão as instruções e os que as seguem. Sou totalmente contrário a um entendimento tão simplista e mecânico do socialismo. O povo, os seres humanos, com toda a sua diversidade criativa, é quem faz a História... é assegurar que cada um se sinta como dono do país, de sua empresa, escritório ou instituição. Isto é o principal. (GORBACHEV, 1987, p.29).

Além das transformações sociais, a *Perestroika* buscou atuar sobre a psicologia do indivíduo. Segundo os reformistas, era preciso destaque para os perfis de liderança. Era preciso despertar o potencial individual de cada um, fazendo-o conhecer os seus objetivos, mostrando que o trabalho pesado pode ser visto de um outro modo, como na antiga história, que diz que um viajante se aproximou de algumas pessoas que estavam construindo uma obra e perguntou a cada um: “O que está fazendo?”. Um deles respondeu, irritado: “Ora, veja, carregamos estas malditas pedras dia e noite...”. Um outro se ergueu, endireitou os ombros e disse orgulhosamente: “Veja, estamos construindo um templo!”. O sentimento, portanto, que deveria estar no coração dos soviéticos era de uma meta grandiosa, vista como um templo magnífico, colocado numa colina verdejante. Sendo assim, a pedra mais pesada seria leve, e o trabalho mais exaustivo, um prazer (GORBACHEV, 1987, p.30).

O objetivo era também, acabar com o estado de parasitismo que seria fruto do socialismo protetor. O estado soviético não poderia mais permitir que o acesso gratuito a serviços básicos, como saúde e educação, continuassem favorecendo os desonestos e alimentando a preguiça social. Cada um deveria ter aquilo que correspondesse ao seu nível de trabalho. Era preciso, no entanto, assegurar alguns princípios gerais como a justiça social, uma única lei e um só tipo de disciplina.

Sob o ponto de vista político, era preciso mudar a imagem que prevalecia no ocidente de que o eixo soviético era um ambiente hostil e autoritário. Segundo Gorbachev, a democracia era um princípio do socialismo que vinha desde Lênin e que se ratificava na *Perestroika*. (GORBACHEV, 1987, p.29)

Mesmo com todas essas mudanças políticas e econômicas, que caracterizavam uma transição para o capitalismo, Gorbachev e os reformistas eram veementes em dizer que não passariam para o lado do capital e que todas as esperanças de uma sociedade não socialista ficariam desapontadas. Ele atribui as grandes conquistas como a vitória sobre Hitler e o desenvolvimento técnico e científico como fruto da coletivização e que qualquer ação no sentido de desfazê-la ficaria frustrada. (GORBACHEV, 1987, p.39)

É necessário ressaltar, porém, que todas as mudanças ocorridas com a *Perestroika* a partir de 1985, tinham grande apoio da maioria da população soviética. Além do apoio das massas havia grande colaboração de intelectuais.

Associada às medidas econômicas da *Perestroika*, a *Glasnost* também angariou apoios importantes. Consistia num conjunto de medidas que buscavam maior liberdade para os meios de comunicação, as religiões e as universidades. Essa reforma política ao que parece tinha um preço: o apoio à *Perestroika* e seus elementos de reestruturação.

As reformas ganharam impulso cada vez maior, sobretudo pela liberdade política que trazia satisfação pessoal aos cidadãos soviéticos. Eventos de intercâmbio cultural passaram a ser realizados, inclusive com os EUA e países europeus do ocidente. Essas reformas ganharam destaque com a liderança de Boris Nikolaievich Yeltsin (1931-2007), que depois de Gorbachev ocupa o papel de maior líder da transição.

Boris Yeltsin nasceu em 1931, numa família de camponeses e começou sua carreira política aos 37 anos como chefe do Partido Comunista Soviético (PCUS) na região de Sverdlovsk. Por ser reformista convicto, despertou a atenção de todos e foi nomeado membro do Comitê Central do PCUS em 1981 e primeiro secretário em 1985, em Moscou. No entanto, a relação com Gorbachev não foi duradoura, o que levou Boris a ser excluído do *Politburo*¹ e de suas funções ministeriais até 1989. Ao contrário de Gorbachev, Yeltsin defendia reformas mais agressivas na política e na economia, como a abertura rápida ao capitalismo mundial. Segundo ele, a URSS perdia muito tempo com deliberações e era muito lenta nas ações de reforma da estrutura burocrática. (YELTSIN, 1990, p. 180)

Um fato pessoal e curioso aconteceu antes da proclamada revolução promovida por Yeltsin e talvez tenha impulsionado para que o mesmo ganhasse tanta notoriedade: após proferir discurso duro contra a *Perestroika* e Gorbachev, Yeltsin foi severamente criticado por seus colegas do *Politburo* e sofreu um infarto, sendo hospitalizado em estado grave. Estando em leito emergencial, proibido de receber visitas da própria esposa, foi convidado por Gorbachev a ir à conferência no Politburo, onde seriam anunciadas grandes novidades. O blefe referia-se ao seu afastamento das atividades ministeriais do conselho do partido. Este episódio motivou ainda mais os questionamentos de Yeltsin à *Perestroika* e serviu de instrumento político para torná-lo o deputado mais votado de Moscou e da Rússia. E mais tarde o presidente da nova Rússia. Segue trecho da autobiografia de Yeltsin comentando o fato:

Eu nunca vou entender aquela atitude. Em toda a minha vida profissional não me lembro de um único caso em que um operário ou um dirigente tenha sido levado doente do hospital para ser afastado de sua função. Era impossível. Já nem falo de que se tratava de uma infração elementar do Código de Leis Trabalhistas, embora entre nós este código não pareça ter nada a ver com os dirigentes. (YELTSIN, 1990, p. 180).

¹

¹*Politburo é uma referência ao comitê executivo do partido comunista da antiga URSS.*

Em 1989 Yeltsin foi eleito deputado por Moscou, com 90% dos votos. Em 1990 também foi eleito deputado para o Parlamento da Federação da Rússia e passou a liderar um grupo que se opunha a Gorbachev e à forma gradativa como as reformas introduzidas pela *Perestroika* estavam sendo executadas.

Milhões de russos se uniram em torno de Yeltsin e ele liderou o maior movimento de massas desde Lênin, chegando à presidência do Parlamento da Federação da Rússia em 1990 e vencendo as eleições presidenciais russas em 1991, com 57,38% dos votos. Dois meses após o início da sua era na Rússia, evitou a tentativa dos comunistas, de voltar ao poder e assumiu a imagem de figura democrática e defensor dos interesses nacionais.

A tentativa de retorno das forças defensoras do antigo sistema, em 19 de agosto de 1991, que pretendiam manter a URSS e revogar boa parte das reformas liberalizantes, impulsionou ainda mais a força de Yeltsin e dos reformistas soviéticos. Gorbachev e seus aliados, por sua vez se colocavam ao centro destes dois extremos. O que se percebia, no entanto, é que a proposta de Yeltsin contagiava as massas e dava o tom das disputas pela hegemonia política.

A derrota do movimento dos comunistas abriu também os caminhos para o movimento de independência das repúblicas que compunham a União Soviética. Ressuscitou os anseios de libertação das repúblicas bálticas (Lituânia, Letônia e Estônia), que já haviam tentado a separação em 1990 e haviam sido reprimidas pelo exército vermelho. Mesmo sob dura tentativa de repressão, essas repúblicas decretaram a independência em setembro de 1991 e foram reconhecidas pelos países mais importantes como a Rússia de Yeltsin e EUA. Isso abriu precedentes para que outras repúblicas também decretassem o fim do vínculo com a URSS. No fim do mês de setembro, Ucrânia, Moldávia, Azerbaijão e Quirguistão, também decretaram as suas independências.

Contribuíram também para acelerar o processo de desintegração política as restrições impostas às atividades do Partido Comunista e da KGB (traduzido como Comitê de Segurança do Estado), por Yeltsin na Rússia. O poderoso serviço secreto soviético teve sua cúpula dissolvida.

Em meio à implosão da URSS, Gorbachev ainda tentou manter o vínculo entre as repúblicas, propondo a assinatura de um acordo, chamado Tratado da união, sem sucesso. Um outro projeto de transição, porém, foi apresentado e aceito pela Rússia e outras repúblicas soviéticas em 4 de setembro de 1991, em sessão extraordinária no Congresso de Deputados do Povo. O projeto visava a criação de um novo parlamento Inter-republicano e de duas comissões: de Estado e Econômica, com a finalidade de manter a cooperação militar e econômica. Esse novo projeto, no entanto, assinalava o fim formal das instituições soviéticas.

Sucessivas crises econômicas sucederam esses fatos políticos. As máfias de traficantes e contrabandistas que atuavam no mercado negro começaram a agir com maior liberdade, a inflação e falta de mercadorias tornaram-se uma constante. Os problemas econômicos passaram a se revelar na vida diária dos cidadãos, como nas grandes filas para compra de mercadorias e nas prateleiras vazias dos supermercados. A economia vivia momentos de extrema desorganização.

Diante destes fatos, em 8 de dezembro de 1991, os presidentes da Rússia, Ucrânia e Bielo-Rússia, reunidos na cidade de Brest (Bielo-Rússia), decretaram o fim da URSS e a criação da Comunidade de Estados Independentes (CEI). Fato que foi ratificado no dia 21 de dezembro, quando 11 líderes, dos 15 que havia na URSS, convencionaram-se em Alma Ata (Cazaquistão), para referendar a decisão de Rússia, Ucrânia e Bielo-Rússia e oficializar a criação da Comunidade de Estados Independentes e o fim da União Soviética. Em 16 de dezembro de 1991, uma semana depois, o Cazaquistão foi a última república soviética a proclamar sua independência.

A CEI apesar de dar soberania política aos países membros, mantém um estrutura militar e econômica bastante interligada, com o *rublo*¹ circulando em quase todos eles, sem quebrar a hegemonia e liderança da Rússia. Atualmente sua sede fica em Minsk, na Bielorrússia e é gerida por um conselho de chefes de estado e governo das repúblicas participantes.

1. O rublo é o nome da moeda da Federação Russa e Belarus (e antigamente da União Soviética e do Império Russo).

A história da Rússia pós-URSS e sua influência no oriente apresenta dois panoramas distintos por períodos: o período Yeltsin (1991-1999), marcado pelo atraso econômico em decorrência do choque de transição e desmoronamento do gigantesco regime soviético e o período Putin (1999 -), marcado pelo avanço econômico e pela política de leve toque de recentralização.

O período Yeltsin foi marcado pelo que se chamou de “terapia do choque”. Isto se deve à forma intensa e rápida como as mudanças ocorreram. Além disso, o choque terapêutico foi motivado pela ameaça de bloqueio às reformas pelas forças opositoras.

O período foi crítico. Exceto em 1997, a Rússia apresentou taxas de decréscimo no PIB. As empresas estatais já tinham sido privatizadas em cerca de 70% até 1994, sob fortes suspeitas de fraude, em benefício da formação de oligarquias próximas ao poder, com destaque para o episódio dos “leilões de empréstimos por ações”, onde banqueiros-oligarcas disputavam os empréstimos do governo em troca de ações das empresas estatais. (SEGRILLO, 2007, P.4)

Tabela 2 : Percentagem de crescimento anual do Produto Interno Bruto real da Rússia, 1991-2006.

1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
-9,0	-19,4	-10,4	-11,6	-4,2	-3,4	0,9	-4,5	6,4	10,0	5,1	4,7	7,3	7,2	6,4	6,7

Fonte: World Economic Outlook, maio 2000 e abril de 2007.

O período Putin (1999 -), ao contrário do governo Yeltsin, está sendo marcado pela prosperidade econômica e um teor autoritário. Conforme vemos na tabela 2, desde os anos iniciais de seu governo, Putin conseguiu algo que não se via há muito tempo na Rússia, um crescimento econômico médio acima dos 5%.

Este cenário de prosperidade econômica repercutiu em destaque político como Primeiro Ministro em 1999. Ele passou a ser endeusado por russos e ex-soviéticos, além de destaque internacional, o que culminou na sua consagrada vitória em primeiro turno nas eleições presidenciais de 2000.

Além do crescimento econômico acima dos 5%, outros fenômenos, antes não vistos começaram a acontecer na economia, a exemplo dos salários e aposentadorias estatais, que “milagrosamente” começaram a ser pagos em dias.

Todo este progresso econômico, no entanto, tem explicações nos movimentos em torno da economia mundial do período. As taxas de crescimento elevadas, a partir de 1999, por exemplo, foram uma resposta à crise financeira de 1998 que tornou o PIB soviético negativo. Teoricamente não se pode ficar abaixo do chão. A crise de 1998 deixou a Rússia arrasada, sendo a única alternativa reformar o sistema financeiro e dar um caráter menos especulativo a economia. Outro benefício para Putin, foi a alta nos preços do petróleo em 1999-2000. Como a Rússia é um dos maiores produtores e exportadores do mundo, a entrada de recursos mais significativos permitiu caminhar para o ajuste fiscal, saldar a dívida externa e iniciar um programa de investimentos produtivos.

Por outro lado, é mérito do governo Putin a mudança de rumo que foca o setor produtivo da economia. Os anos de governo Yeltsin foram marcados pelo afrouxamento da regulação bancária e a abertura às importações. O governo Putin retomou os estímulos à produção nacional e reduziu a “ciranda” financeira.

Uma das grandes críticas a Putin está na sua forma política de governar. Ele recentralizou os controles administrativos no país sob alegação de que era preciso restabelecer a ordem e preservar a unidade russa em detrimento de movimentos como dos terroristas chechenos. Apoiado pela maioria parlamentar aliada, acabou com as eleições diretas para governador, instituindo a nomeação pelo presidente com a confirmação dos parlamentos locais. Essa posição centralizadora, despertou a crítica dos opositores sobre o ex-agente da KGB e agora presidente russo.

A implantação do capitalismo na Rússia, centro do antigo regime, não foi fácil. Exigiu um sacrifício muito grande das massas, sobretudo porque formou um novo exército industrial de reserva e concentrou os recursos novamente na mão de poucos, restando, portanto “aos muitos” a venda da sua força de trabalho, novamente, como recurso de sobrevivência.

A formação da CEI se constitui, portanto, num movimento de desagregação definitiva da URSS e na retomada da autonomia política e econômica dos países do antigo regime soviético.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O surgimento, ascensão e colapso da URSS foram processos marcantes no século XX, que deixaram muitas lições à humanidade. Diferentemente do que muitos consideram, o fim da URSS não teve uma única causa. Fatores políticos, econômicos e sociais, são co-responsáveis pelo fim do socialismo soviético. Sendo assim mostrou-se inviável analisar a *Perestroika* estritamente como programa de reestruturação econômica sem a compreensão do ambiente político e social que lhe deu sustentação.

Foi feito um esforço no sentido de evitar respostas prontas para justificar o fim da URSS exclusivamente a partir da *Perestroika*. Neste sentido, buscou-se analisar o socialismo soviético desde a sua fundação, as bases da sua formação, as características que o opuseram ao capitalismo, a forma como esta experiência se desestruturou e a aproximação da economia russa e dos demais componentes da CEI com a forma capitalista de produzir. O que se tentou apresentar no texto é que o fim da URSS foi a resultante de um processo de longo prazo, marcado por contradições políticas internas e dificuldades econômicas e tecnológicas. A *Perestroika* mostra apenas de forma sintética os elementos de transição para o capitalismo.

O que se buscou, portanto, foi contribuir para o debate que o tema sugere, mostrando como os elementos de reestruturação da *Perestroika* mostravam a influência do capitalismo sobre o fim da URSS, sem colocá-los como elementos hegemônicos da transição.

Desde os primeiros anos a economia soviética passou por mudanças que admitiam elementos próprios do capitalismo como na NEP de Lênin. E mesmo com os esforços de centralização no período stalinista, não se conseguiu limitar as relações com o capitalismo, que se tornaram mais explícitas com as crises econômicas internas que impulsionaram a abertura como resposta rápida aos problemas enfrentados.

Além de questões internas relacionadas às crises da sua economia planificada, a URSS teve uma formação histórica contraditória. Como mostramos no segundo capítulo, a

história da URSS mostra como dialeticamente um sistema emergido das massas transforma-se num regime burocrático e despótico.

Além destes fatores internos, a URSS enfrentou a dura disputa pela hegemonia mundial com o capitalismo, durante a Guerra Fria. O conflito exigiu da URSS investimentos massivos nas indústrias bélica e nuclear, em detrimento da produção de serviços públicos como educação, saúde, transporte e habitação, desviando assim, o foco do sistema que era criar uma “sociedade igualitária”. Essa disputa acentuou ainda mais a crise econômica, chegando próximo da estagnação na segunda metade da década de setenta.

Com base na pesquisa realizada serão apontados, a seguir, os elementos de influência do capitalismo sobre o processo de reestruturação, ou *Perestroika*:

1. A privatização das empresas estatais e os incentivos à concorrência;

Esta mudança, cujo objetivo era acabar com a excessiva centralização administrativa e burocrática do estado, deu origem àquilo que se chamou de nova burguesia russa. Não muito diferente do sistema capitalista, a privatização das empresas, que segundo os reformistas, serviria de estímulo para o auto-desenvolvimento da sociedade e transformaria a classe trabalhadora em verdadeiros patrões, concentrou os meios de produção nas mãos de alguns poucos, reconstituindo o exército industrial de reserva soviético. Além disso, incentivou os padrões competitivos, com escassez de recursos e definiu os contratos como garantia de cumprimento das encomendas e dos padrões de qualidade, o que não mais diferenciava os sistemas do ponto de vista do processo produtivo.

2. A intensificação do processo mercantil

A ampliação das relações comerciais mostrava uma nova URSS, com um jeito “globalizado” de pensar. Talvez este tenha sido o fator mais abertamente associado ao capitalismo na *Perestroika*. Além da doutrina capitalista de especialização da produção, a intensificação do processo mercantil com países fora do eixo soviético, também demonstrou que a URSS não estava mais presa aos paradigmas de antes.

3 As variações tecnológicas para padrões mundiais.

O que se percebeu na URSS, com a *Perestroika*, foi uma total reforma em relação às bases tecnológica, de sorte que, máquinas e equipamentos foram substituídos; os turnos de trabalho passaram a três; reduziram-se os investimentos em estruturas administrativas e de regulação direta e intensificou-se a modernização das indústrias siderúrgicas e químicas. Essas mudanças representaram um novo perfil de empresas, regidas pelo anseio dinâmico de atender exigências urgentes de consumidores. A sociedade também mudara, adotando uma demanda crescente por inovações. Essas inovações representaram a quebra dos alicerces socialistas, uma vez que, o objetivo central era concorrência com os padrões mundiais e não somente o suprimento de uma demanda interna.

4 O discurso do desarmamento e o pensamento global de preservação dos recursos ambientais;

Apesar de ter sido considerado um argumento de fuga da crise econômica, o desarmamento e o pensamento global de preservação dos recursos ambientais representavam não somente isso, mas eram algo necessário para ambos os lados. Nota-se, porém, que estas propostas já faziam parte do discurso dos capitalistas que preocupavam-se mais com o uso exagerado dos recursos ambientais diante da limitação destes.

O que se observa com a *Perestroika* é que a reestruturação econômica desencadeou a transformação da URSS num conjunto de novos países capitalistas. A visão de democratização dos meios de produção, anunciada pela *Perestroika*, serviu de base para o ressurgimento da burguesia capitalista nos países ex-soviéticos e mudanças nas relações de produção e na forma de apropriação do excedente. A *Perestroika* mudou a sociedade também sob aspectos culturais, políticos, familiares, etc. Considera-se, portanto que a *Perestroika* foi, antes de tudo, um momento de colocar em prática as várias reformas que emergiram durante os longos anos do regime soviético. Ela assinala também a influência do modo capitalista de produção, revelado nas propostas elaboradas pelos reformistas.

A sociedade pós-socialismo sente os reflexos desta transição, com destaque, para o grande quartel general do regime soviético, a Rússia, que depois de muitos anos de crises na

transição liderada por Yeltsin, começa a dar novos sinais de vitalidade como economia capitalista, sob a conturbada liderança de Vladimir Putin. De forma semelhante, outros países antes pertencentes ao eixo soviético integram-se à nova ordem mundial de capitalismo globalizado.

REFERÊNCIAS

A BIOGRAFIA de Boris Yeltsin. Disponível em <http://noticias.terra.com.br/mundo/>. Acessado em 11 de out de 2007. Acesso em; 20 jul. 2006.

ACIDENTE nuclear de Chernobil. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/>. Acesso em 23 de set de 2007.

BIOGRAFIA de Boris Yeltsin. Disponível em <http://biografias.netsaber.com.br/>. Acesso em 11 de out de 2007.

BUCK-MORSS, Susan. A condição Pós-Soviética. Folha de São Paulo, São Paulo, 28 nov 2005.JEL:B0, Disponível em:| <http://www1.folha.uol.com.br/> . Acesso em 15 de set de 2007.

CARADY, Roger. Para conhecer o pensamento de Hegel. Porto Alegre: L e PM , 1993.

CARMO, Sonia Irene do. História passado presente. São Paulo: Atual. 1994.

CHATELET, François. Hegel. Rio de janeiro, 1996.

CRIAÇÃO da CEI decretou o fim da União Soviética. Disponível em <http://www.unificado.com.br/>. Acesso em 12 de outubro de 2007.

FUKUYAMA, Francis. O fim da História e o último homem. Rio de Janeiro: Rocco. 1992.

GORBACHEV, Mikhail. Perestroika: novas idéias para o meu país. 6ª Ed, 1987. 299 p.

GRIECO, Francisco de Assis. A Rússia e a comunidade dos estados independentes. Carta Mensal, Rio de Janeiro, v. 41, n 488, p.23-36, nov, 1995.

HISTÓRIA da filosofia. São Paulo: Nova Cultural, 1999. 480 p. (os pensadores)

HOBSBAWN, Eric. Era dos extremos: o breve século XX. São Paulo: Companhia de letras, 1995.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. Disponível em <http://www.imf.org/>. Acesso em 30 de setembro de 2007.

KONDER, Leandro. O que é dialética. São Paulo: Brasiliense, 2000. 87 p.

KRUGMAN, P. R.; OBSTELD, M. Economia internacional: teoria e política. São Paulo: Makron Books, 2001.

KURZ; Robert. O colapso da modernização. São Paulo: 5 ed. Paz e Terra, 1999.

MARANHÃO, Ricardo; ANTUNES, Maria Fernanda. Trabalho e civilização: Uma História Global. São Paulo: Moderna, 1999. 284p.

MARX, Karl. O Capital. São Paulo: Ed Abril Cultural, 1983. Vol I.

SEGRILLO, A. Rússia: estado e sociedade. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/>. Acessado em 30 de setembro de 2007.

SOUZA, Mário. Mentiras Sobre a História da União Soviética: de Hitler e Hearst a Conquest e Solzjenitsyn. Rio de Janeiro: Inverta, 1999. 36p.

YELTSIN, Boris. Os rumos da Perestroika. São Paulo: Best Seller, 1990.